

A ORALIDADE NA OBRA DE JOSÉ CALASANS:  
O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro

Jairo Carvalho do Nascimento  
Mestrando em História da UFBA.

José Calasans Brandão da Silva nasceu em Aracaju, em 14 de julho de 1915. Faleceu em 28 de maio de 2001, em Salvador, deixando uma quantidade significativa de livros e artigos sobre a trajetória de vida do beato Antônio Conselheiro e de sua "cidade santa". Ao longo da segunda metade do século XX, coordenou os debates em torno do tema Canudos no âmbito nacional e internacional, consagrando-se como um dos maiores "canudólogos".

O seu primeiro trabalho sobre Canudos foi *O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro*, publicado em 1950. O presente ensaio tratará dessa obra. O objetivo desse trabalho é analisar a oralidade na obra de José Calasans, delimitando nossa atenção ao *O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro*, a forma de tratamento e ao valor que o autor deu a oralidade como fonte de pesquisa histórica.

Oralidade na história de Canudos: *O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro* em discussão

*O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro* é, originalmente, uma tese para concorrer à Docência Livre de História do Brasil, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Uma obra pautada na oralidade, em ditos e cantos populares. "*O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro, assim entendido o conjunto de lendas, estórias, milagres, profecias, cantigas, simples versos gerais, ditos populares concernentes a Antônio Conselheiro e Canudos, um dos mais importantes do folclore histórico do Brasil*"<sup>1</sup>. Foi nesse universo cultural que José Calasans se inspirou para construir sua obra.

Até a década de 1950 e meados de 1960, *Os Sertões* de Euclides da Cunha era a principal obra de referência sobre a guerra de Canudos. Fez tanto sucesso entre a intelectualidade brasileira que obras anteriores, como a de Cesar Zama, *Libelo republicano acompanhado de comentário sobre a campanha de Canudos* (1899), Manoel Benício, *O rei dos jagunços* (1899), Alvim Martins Horcades, *Descrição de uma viagem a Canudos* (1899) e Aristides Milton, *A campanha de Canudos* (1901), dentre outras, foram ofuscadas pelas interpretações e narrativa euclidiana<sup>2</sup>.

Esse primeiro momento da historiografia de Canudos é marcado especialmente por autores que participaram da campanha de Canudos ou por aqueles que não seguiram para o palco do conflito, mas foram contemporâneos ao evento. Eram, basicamente, militares – como A.

Constantino Nery, Emídio Dantas Barreto e Henrique Duque Estrada de Macedo Soares – e jornalistas - como Manoel Benício e Euclides da Cunha, ambos com formação militar<sup>3</sup>.

Esses primeiros autores que escreveram sobre Canudos, tratados até aqui, representam, em conjunto, uns em menor grau do que outros, “o olhar da ciência” (especialmente Euclides da Cunha) diante dos acontecimentos, um “olhar urbanizado e militarizado”, que tendia a “incivilizar” os espaços rurais e sua gente e enaltecer o progresso das cidades, a exaltação do ideal republicano, mesmo alguns reconhecendo a indiferença dos governantes em relação às comunidades do interior e condenando as atrocidades cometidas pelo Exército (Euclides, Horcades e Zama). Na década de 1950, parte da história de Canudos e do seu líder, seria escrita por uma outra vertente, que não substitua a primeira, mas que preencheria “alguns espaços em branco” deixados por ela e que reformularia algumas impressões negativas legadas pelos autores sobre Conselheiro e os jagunços.

Em 1947, o jornalista Odorico Tavares, acompanhado do fotógrafo francês Pierre Verger, reproduz uma série de entrevistas com sobreviventes realizadas em Canudos na revista *O Cruzeiro*, do Rio de Janeiro. Em 1951, em torno dessas entrevistas, foi publicado o livro *Bahia: imagens da terra e do povo*. Em 1964, Nertam Macedo publica *Memorial de Vilanova*, trazendo o depoimento de Honório Vilanova, irmão de Antônio Vilanova – maior comerciante do arraial de Canudos – na época com 97 anos e a última testemunha ocular da guerra<sup>4</sup>.

Essas obras pautam-se, sobretudo, na oralidade e na memória de testemunhas oculares. Uma nova visão de Antônio Conselheiro e Canudos surgiria, servindo aos historiadores como pistas e pontos de partida para novos estudos e interpretações. Nesse sentido, as funções da memória e da história se cruzam convenientemente, como bem lembra Pierre Nora: “*é a memória que dita e a história que escreve*”<sup>5</sup>. Seguindo o raciocínio do sociólogo Maurice Halbwachs, os testemunhos são importantes porque servem para “(...) *fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma (...)*”<sup>6</sup>. Joan Del Acàzar i Garrido, chama a atenção para o valor das fontes orais que enriquecem e edificam os alicerces da história, permitindo, sobretudo, “(...) *um aprofundamento na história de grupos sociais que, por razões diversas, estiveram marginalizados ou quase ausentes das fontes documentais escritas; de outro lado, nos permite penetrar na percepção do processo histórico feita por indivíduos ou grupos concretos*”<sup>7</sup>.

Na década de 1950, a oralidade não era vista “com bons olhos” pelos historiadores. José Calasans, na verdade, foi um dos poucos pesquisadores de sua geração que valorizou a oralidade como fonte de pesquisa histórica: “*O problema é que naquela época a oralidade não era vista como fonte de pesquisa histórica. O famoso Padre Barbosa, Professor de História, não se cansava de dizer que sem documento não havia História. Então, este meu trabalho sobre o Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro é muito elaborado na base da oralidade*”<sup>8</sup>. Essa inclinação para a

valorização da oralidade está ligada a formação do próprio Calasans na cidade de Aracaju, onde costuma ouvir as conversas e histórias de pessoas mais velhas:

*Sempre gostei de conversas de velhos. Dir-se-ia mesmo que amanheci ouvindo velhos. Foram eles, indiscutivelmente, meus primeiros professores de História. Agradava-me, nos dias de meninice, a prosa daqueles homens idosos que apareciam lá em casa e ficavam conversando com meu pai.*<sup>9</sup>

José Calasans visitou Canudos pela primeira vez em 1950. Conversou com alguns sobreviventes, como Manuel Ciriaco, Pedrão e Dona Francisca. No trabalho *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*, publicado em 1950, ele não incluiu esses depoimentos, as falas recolhidas por ele mesmo, no texto do livro, talvez porque o trabalho para publicação já estivesse pronto, ou a viagem foi realizada posteriormente ao lançamento do livro.

Em outras palavras, Calasans afirma que *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro* foi um resultado direto dessas pesquisas realizadas junto aos sobreviventes<sup>10</sup>, argumento que não se confirma quando verificamos as notas do livro em que não encontramos nenhum depoimento de sobrevivente recolhido por ele devidamente citado, no entanto, em algumas passagens, ele cita trechos de depoimentos recolhidos por Odorico Tavares, publicados em 1947, na revista *O Cruzeiro*. Ele citou diretamente alguns contemporâneos da guerra como Norberto dos Santos Belau, Manços do Espírito Santo, Ester Fragoso Leite e Elias Araújo – este, "sargento reformado da polícia militar do Rio de Janeiro", viveu, inclusive, "algum tempo em Canudos"<sup>11</sup>.

Vale ressaltar que José Calasans, nesse trabalho de 1950, apresentava idéias e interpretações sob a influência de Nina Rodrigues e Euclides da Cunha quanto ao perfil psicológico de Antônio Conselheiro, que ambos consideravam como simplesmente um louco, como podemos ver em um dos trechos do livro quando se refere à família de Antônio Conselheiro:

*Acrescente-se, ainda, que os seus antepassados sofriam, na sua maioria, de alienação mental e ter-se-á um quadro dos antecedentes mórbidos do homem que tantos males haveria de causar às populações do nosso hinterland, que ele pensava levar para o bom caminho.*<sup>12</sup>

O seu rompimento, quanto a essa interpretação, com a visão euclidiana, dar-se-ia gradativamente a partir da década de 1960. Por outro lado, Calasans voltou várias vezes a Canudos e continuou recolhendo esses depoimentos, bem como de pessoas da região, contemporâneas à guerra, organizando um acervo de informações que ele usou ao longo de sua obra.

Os versos, quadras e ditos populares recolhidos por Calasans encontravam-se bem fortes na memória da população de várias cidades de Sergipe e da Bahia. Antônio Conselheiro, nos versos populares, era uma figura ambígua, tanto era um homem bom quanto um sujeito odiado. Em um

desses versos recolhidos em Sergipe podemos perceber tal dualidade: “*Quem quizer remédio santo / Lenitivo para tudo / Procure o Conselheiro / Que está lá nos Canudos*”<sup>13</sup>. A própria mãe de Calasans, sergipana, que era criança na época da guerra, serviu como fonte. Ela narrou uma quadra que era dita na época, que dizia que Antônio Conselheiro era um aproveitador e sedutor de mulheres: “*Quem tiver sua mulata / Traga ela num cordão / Que Antônio Conselheiro / tem unhas de gavião*”<sup>14</sup>. Noutro momento, sua figura é exaltada, sua coragem e determinação cantada pelos sertanejos: “*Antônio Conselheiro / Por ser conselheirista / Briga com o Governo / Não tem medo de poliça*”. Em outro trecho ele aparece assim: “*Antônio Conselheiro / É home de opinião / Matou Moreira César / E venceu seu batalhão*”<sup>15</sup>. Quando a República foi instalada, por exemplo, Antônio Conselheiro se posicionou contra o novo regime. Na época, corria um verso que marcava o posicionamento do povo diante da República: “*Este povo está perdido / está sem arrumação / E o culpado disso tudo / É o chefe da nação*”<sup>16</sup>..

Outro nome tão citado nos versos populares é o do Coronel Moreira César, chefe da 3ª Expedição militar. Sobre a morte de Moreira César existem várias quadras: “*Capitão Moreira César / Morador no rio do su / Foi briga no Belo Monte / Foi dá carne aos urubu*”. Em outro verso: “*Coronel Moreira César / Folha de cana caiana / Tomou Chumbo dos jagunços / Foi morrer nas Umburanas*”<sup>17</sup>.

Há também aqueles versos que elogiavam a bravura e valentia de Moreira César: “*A república chora / Abrada o mundo inteiro / Cobre-se de luto / O exercito brasileiro*”. Noutro verso, ele não tem a oportunidade de brigar, de mostrar a sua bravura: “*O valente Moreira César / Confiou na valentia / Dirigiu-se ao nosso Belo Monte / Para acabar com o Bom Jesus Conselheiro / Quando êle tombou sem briga*”<sup>18</sup>.

Em vários outros versos aparece o misticismo de Antônio Conselheiro. Noutros ele reaparece muito depois da sua morte. Seu nome é citado de várias formas, em vários usos, em diversos lugares. Para Calasans, isso significa que Antônio Conselheiro tornou-se um “nome folclórico”, usado pelo povo em diversas situações<sup>19</sup>.

O livro de Calasans apresenta a imagem que o povo tem de Antônio Conselheiro e de outros personagens, uma forma singular do povo contar a história pelo seu próprio olhar, seu próprio ângulo. Mostrou que a história não está apenas nos livros e nos compêndios, mas na “boca do povo” que preserva os acontecimentos importantes do país, cantando, contando e narrando os fatos.

Considerações finais

Esse trabalho valoriza, a oralidade, a memória dos sobreviventes e dos contemporâneos ao evento como fontes históricas, a visão dos vencidos e do povo sobre a própria história.

O valor desse trabalho reside em dois pontos. O primeiro é o fato de ser um dos primeiros trabalhos de cunho acadêmico a valorizar a oralidade e o conhecimento popular sobre a guerra de Canudos, que compõe o que ele denomina de ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro. O segundo ponto é o fato de que o livro é um bom trabalho de síntese histórica sobre Canudos, embora o objeto dele seja estudar o folclore, demonstra excelente conhecimento da bibliografia concernente ao tema, usando livros e obras diversas, além de uma variedade significativa de matérias publicadas em revistas científicas da Bahia, do Ceará e do Rio de Janeiro, e uma quantidade enorme de fonte jornalística de Aracaju e de Salvador. Essa documentação, ademais, tem um valor substancial na pesquisa, justamente para corroborar as informações recolhidas a partir da oralidade, visto que Calasans se cercava de várias fontes para argumentar alguma idéia. Para compor o seu quadro de fontes, Calasans contou com o apoio de Epifânio Dória, intelectual sergipano, que pesquisava nos arquivos de Aracaju e enviava os documentos encontrados<sup>20</sup>.

No entanto, um dos limites do trabalho, que o próprio Calasans comentou, inclusive em outras obras posteriores onde os depoimentos dos sobreviventes estão presentes, como *Quase biografia de jagunços*<sup>21</sup>, é o fato dele “não saber perguntar” e de ter negligenciado assuntos como o cotidiano do arraial por exemplo<sup>22</sup>.

A oralidade presente nas falas dos sertanejos e, especialmente, das testemunhas oculares, reconstróem partes das histórias de Canudos, vista por outro ângulo, tornado-a mais rica como sugere Paul Thompson: “A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira”<sup>23</sup>. Isso não quer dizer que os depoimentos sejam mais verdadeiros do que os trabalhos anteriores. São apenas visões e interpretações diferentes. Em determinados depoimentos verificamos que algumas informações já tinham sido narradas ou tocadas levemente por alguns escritores como Euclides da Cunha, Manuel Benício, César Zama, Alvim Martins Horcades e outros, como por exemplo, os milagres e as profecias do Conselheiro durante a campanha, a aquisição das armas dos soldados das três primeiras expedições, as táticas de guerrilha dos jagunços.

Esses depoimentos representam uma grande contribuição para a compreensão do tema Canudos, histórias e questões relativas à vida do peregrino Antônio Conselheiro, o seu comportamento, as suas atitudes e ensinamentos, determinados aspectos da vida material e espiritual do arraial de Canudos, acontecimentos e episódios relativos às quatro expedições, enfim, uma quantidade de assuntos e questões que possibilitaram uma abertura de um novo olhar sobre o tema para os historiadores. A história de Canudos se alimentou dessas memórias e, por sua vez,

contribuiu para engrandecê-la. Ambas se combinam mutuamente: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”<sup>24</sup>.

## Notas e Bibliografia

<sup>1</sup> José Calasans, *O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro*, Bahia, Tipografia Beneditina, 1950, pp. 23.

<sup>2</sup> Cesar Zama, *Libelo republicano acompanhado de comentário sobre a campanha de Canudos*, Salvador, Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1989 (Edição facsimilada); Manoel Benício, *O rei dos jagunços: crônica histórica e dos costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos*, 2 ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1997; Alvim Martins Horcades, *Descrição de uma viagem a Canudos*, Salvador, EGBA e EDUFBA, 1996 (Edição facsimilada); e Aristides Milton, *A campanha de Canudos*, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1979 (Edição facsimilada).

<sup>3</sup> A. Constantino Nery, *A Quarta Expedição contra Canudos*, Pará, Typ. de Pinto Barbosa, 1898; Emidio Dantas Barreto, *Última expedição a Canudos*, Porto Alegre, Franco e Irmãos Editores, 1898; Favila Nunes, *Guerra de Canudos: narrativa histórica*, Rio de Janeiro, Typ. Moraes, 1898; Henrique Duque Estrada de Macedo Soares, *A Guerra de Canudos*, Rio de Janeiro, Typ. Altina, 1902. Cesar Zama e Aristides Milton não foram ao palco da guerra, são apenas contemporâneos ao evento.

<sup>4</sup> O livro de Odorico Tavares foi republicado em 1993, pelo Conselho Estadual de Cultura e outras instituições de Salvador, com o título *Canudos: cinquenta anos depois (1947)*; Nertan Macedo, *Memorial de Vilanova*, 2 ed., Rio de Janeiro, Renes, 1983. Por questões de delimitação de objeto no presente ensaio, não temos a intenção de comentar esses trabalhos que, ao lado da obra de José Calasans, que se inicia na década de 1950, tiveram um papel fundamental na renovação do conhecimento histórico da guerra de Canudos.

<sup>5</sup> Pierre Nora. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara A. Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

<sup>6</sup> Maurice Halbwachs, *A memória coletiva*, São Paulo, Vértice, 1990, pp. 25.

<sup>7</sup> Joan del Alcàzar i Garrido, As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, pp. 33-54, set./1992 ago/1993. pp. 43

<sup>8</sup> "O sábio do fim do mundo". *A Tarde*, Salvador, 26 de jun. 1993. *A Tarde Cultural*, pp. 6. (entrevista à Maria Palácios).

<sup>9</sup> José Calasans, "Velhas lembranças de velhos". *Jornal da Bahia*, Salvador, 13 e 14 de jan. 1963, pp. 2.

<sup>10</sup> Ver "Houve mesmo esse reino alvisseiro". *A Tarde*, Salvador, 4 de set. 1997. *A Tarde Cultural*, pp. 2. (entrevista a Fátima Dannemann)

<sup>11</sup> José Calasans, *op. cit.*, pp. 47.

<sup>12</sup> *Ibid.*, pp. 27.

<sup>13</sup> *Ibid.*, pp. 32.

<sup>14</sup> *Ibid.*, pp. 32.

<sup>15</sup> *Ibid.*, pp. 60 e 64, respectivamente.

<sup>16</sup> *Ibid.*, pp. 41.

<sup>17</sup> *Ibid.*, pp. 68 e 70, respectivamente.

<sup>18</sup> *Ibid.*, pp. 79 e 80, respectivamente.

<sup>19</sup> *Ibid.*, pp. 23.

<sup>20</sup> Cf. Arquivo do Instituto Histórico e geográfico de Sergipe. Arquivo José Calasans. Cx. 025 A (Correspondências de Epifânio Dória). Numa das cartas (4 de junho de 1950), Epifânio escreveu: “Mando-lhe mais uma folha de cópias de notícias da campanha de Canudos. Eles não lhe adiantam muito, mas lhe darão um panorama da época a respeito. Creio que a seguir mandarei coisa mais positiva”.

<sup>21</sup> José Calasans, *Quase biografia de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*, Salvador, Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1986.

<sup>22</sup> "O sábio do fim do mundo". *A Tarde*, Salvador, 26 de jun. 1993. *A Tarde Cultural*, pp. 6. (entrevista à Maria Palácios).

<sup>23</sup> Paul Thompson, *A voz do passado: história oral*, Tradução Lólio Lourenço de Oliveira, 2 ed., São Paulo, Paz e Terra, 1998, p. 137.

<sup>24</sup> Jacques Le Goff, *Memória-História*, In: *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 11-50. vol. 1. pp. 50.